

Ano 1 • nº 4 • 2002

NÓS DA ESCOLA

www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola



Teorias, para quê?

Os pensadores da educação e os diferentes caminhos para o conhecimento

Entrevista

Ana Luiza Smolka aponta as idéias que estão influenciando o pensamento educacional

ISSN 1676-5141

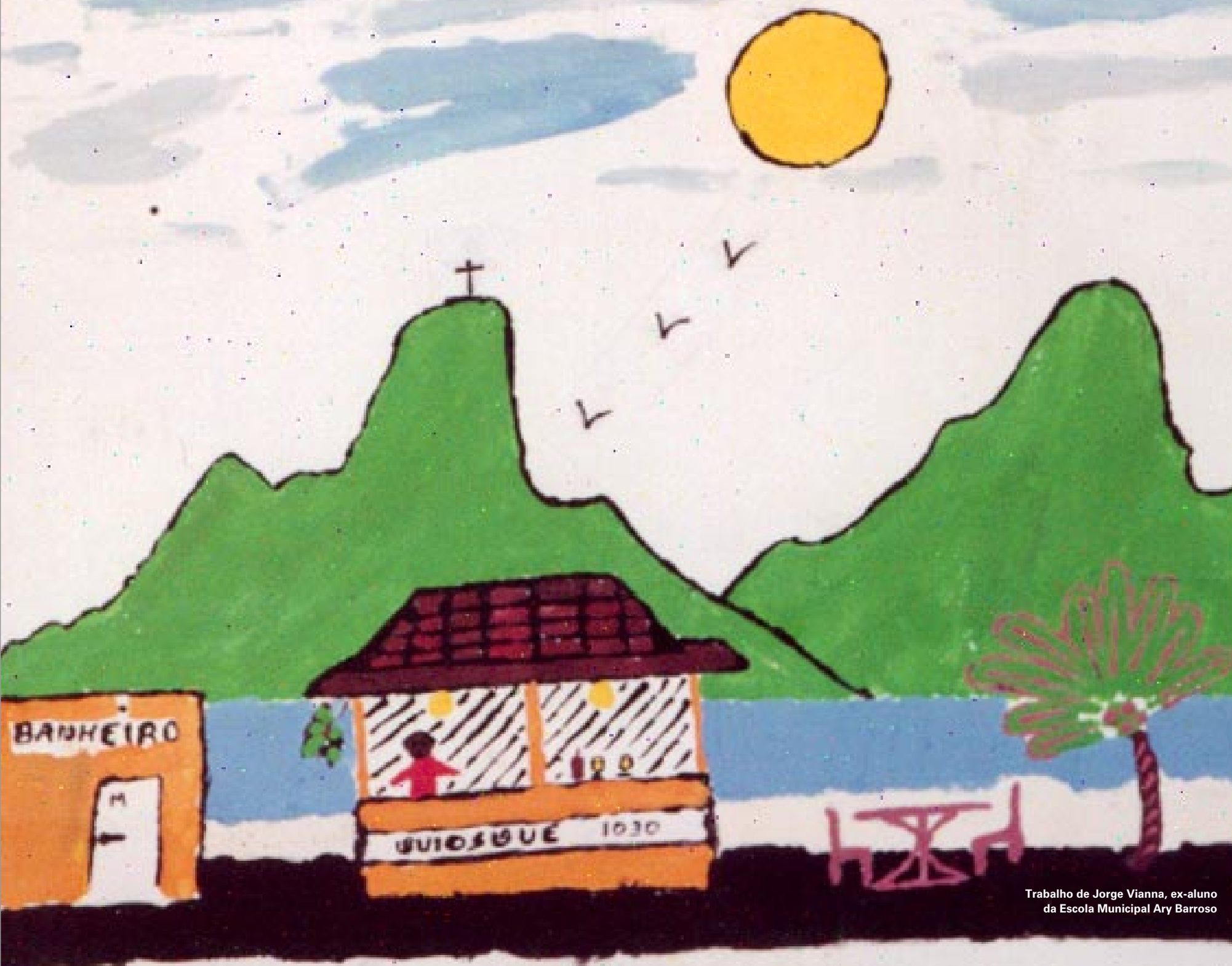


9 771676 514054



00004

NÓS DA ESCOLA



Trabalho de Jorge Vianna, ex-aluno da Escola Municipal Ary Barroso

JORGE 801

Editorial 4

A teoria na prática é outra?

Entrevista 5

Além do senso comum

Ana Luiza Smolka aponta o que há de novo no pensamento educacional

Atualidade 8

Quando um pode ser igual a dois, três, quatro
Algumas respostas sobre a clonagem humana

Capa 10

Os diferentes caminhos para o conhecimento
A importância das teorias para a prática de ensino

Pé na estrada 15

Passar dever? Passar matéria? Passear e aprender
Professora conta como mudou sua prática a partir do conhecimento das teorias

Tudoteca 17

Livros, sites, filmes, programas de TV e agenda

Olho Mágico 18

Programação variada em sintonia com a escola
As produções da MULTIRIO para 2002

Cesar Maia - Prefeito • **Sonia Mograbi** - Secretária Municipal de Educação • **Regina de Assis** - Presidente da MULTIRIO • **Maria Inês Delorme** - Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628) • **Élida Vaz** - Assessora de comunicação e ouvidora • **Patrícia Alves Dias** - Assessora artística • **Guaira Miranda** - Gerente de Multimídia • Colaboradores: **Alberto Jacob Filho** (Fotografia), **Ana Cristina Lemos** (Programação Visual), **André Leão** (Ilustrações), **Antônio Castro** (Programação Visual), **Cristina Campos** (Conteúdo), **Cristina Morel** (Conteúdo), **Joanna Miranda** (Conteúdo), **Martha Neiva Moreira** (Edição), **Nancy A. Soares** (Revisão), **Suely Barreto** (Conteúdo), **Tania Oliveira** (Projeto Gráfico) • Fotolitos e Impressão: **Gráfica e Editora Posigraph** • Tiragem: **30 mil exemplares** • Capa: **Francisco de Assis T. dos Santos e Joanna Miranda**

Empresa Municipal de Múltiplos
Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
CEP 22260-210 • www.multirio.rj.gov.br • ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



CORREÇÃO

Erramos ao publicar na edição anterior que a professora Azoilda Trindade seria assessora da 2ª Coordenadoria Regional de Ensino (CRE). Na verdade ela é membro da equipe da assessoria da 1ª CRE.



A teoria na prática é outra?

A teoria, na prática, não é outra. É a própria prática. Como nos diz a MultiEducação, o conhecimento teórico e o cotidiano da sala de aula são faces da mesma moeda.

Muitos de nós, professores, não nos damos conta de que ao desenvolvermos determinadas práticas pedagógicas estamos utilizando referenciais teóricos. Na diversidade desses diferenciais teóricos, podemos constatar que ao se privilegiar o aspecto intelectual, o aspecto cognitivo, muitas vezes deixa-se de levar em conta emoções, desejos, fantasias e o contexto social de nossas crianças e adolescentes. Daí a importância de não nos limitarmos às teorias, por exemplo, no campo da Psicologia, mas também da Antropologia, Sociologia, História e Filosofia, contemplando uma visão mais completa e inserida na sociedade e sua dinâmica.

No complexo universo de uma cidade, torna-se desafio permanente a constituição de conhecimentos e valores por nossas crianças e adolescentes e este é o nosso grande papel como mediadores no espaço escolar.

Teorizar é tematizar, trazer à consciência o que usamos como pressupostos. As teorias podem iluminar nossos caminhos. Conhecê-las, ter sensibilidade e compromisso político nos levam a buscar caminhos próprios e mais criativos para o desenvolvimento de nossas práticas cotidianas, que devem estar voltadas para uma educação inclusiva e de êxito escolar. Este é o nosso grande desafio.

Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Além do senso comum

Jean Piaget, Sigmund Freud, Lev Vygotsky, Albert Einstein, Charles Darwin são pessoas que pensaram o nosso mundo, cada um a partir de uma área diferente do conhecimento. Suas idéias, tão importantes em suas épocas, são hoje fontes para nos ajudar a entender as transformações pelas quais o homem vem passando. "Suas elaborações teóricas, os pesquisadores procuram desenvolver

explicações plausíveis que nos ajudam a compreender o mundo. Trabalhar com as diferentes teorias é ir além do senso comum", ressalta **ANA LUIZA SMOLKA.**

Professora do departamento

de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Unicamp, ela acredita que conhecer as teorias, especialmente aquelas que impactam nas relações de ensino, é imprescindível para a atuação do profissional de educação. "Conhecer o que disseram os estudiosos sobre os modos de aprender, os modos de ensinar, sobre os indicadores de desenvolvimento, sobre a memória, a linguagem, a imaginação, por exemplo, auxilia na interpretação dos fatos e das relações que definirão as formas de ação no processo educativo". Nesta entrevista, além de analisar a importância das teorias para a prática docente, a professora Ana Luiza aponta quais são as novas idéias que estão influenciando o pensamento educacional.



Em quê o conhecimento das teorias ajuda na construção do projeto político-pedagógico da escola?

Conhecer as teorias significa ler os autores em primeira mão, conhecer sua biografia, saber as perguntas que fizeram e como buscaram respondê-las,

como as condições de vida desses autores contribuíram para o levantamento de questões, que princípios explicativos eles assumiram. Isso nos ajuda também a situar as preocupações e propostas dos autores em relação às nossas indagações e necessidades. Por isso, há que se dialogar sempre com os teóricos.

Como o professor pode identificar a teoria que melhor se adapta ao trabalho que ele deseja desenvolver?

Eu diria que na busca de respostas e soluções para os problemas cotidianos, o profissional da educação tem que realizar suas escolhas na prática. Para isso, ele tem que recorrer à leitura e à informação para buscar sustentação teórica. Ele vai avaliando a sua prática na medida em que vai ampliando e aprofundando o seu conhecimento.

Às vezes, a leitura de um texto parece que vem “a calhar”! Aparece como uma resposta a uma pergunta, uma inquietação.

Há uma coincidência de valores, de perspectivas, e o profissional pode dizer: “Ah! encontrei uma resposta!” Aqui, a gente poderia dizer que o profissional encontrou teoricamente algo que vem ao encontro daquilo que faz ou quer fazer. Às vezes, a resposta vem da própria prática refletida, e questiona a teoria. Às vezes, pela não coincidência de perspectivas e valores entre o leitor e o texto, pelo desconforto que a leitura causa, produz-se uma reflexão que leva à reiteração de uma posição tomada ou à mudança. Nesse sentido, não diria que se trata do professor identificar uma teoria que simplesmente se adapta ao seu trabalho. Há um trabalho prático que se entretete e que se articula com um trabalho teórico.

Como se dá essa relação entre teoria e prática?

A atuação profissional exige, cada vez mais, um conhecimento sempre atualizado, já que as próprias condições de vida mudam sem cessar. Isso significa que você não pode parar de estudar, de ler, de conhecer o que se apresenta. E aqui um dos problemas que se coloca seriamente é, não só, o do acesso ao conhecimento produzido, mas o da produção de conhecimento na própria relação de ensino. No âmbito da educação formal e das relações de ensino, a relação que o profissional mantém com o conhecimento é sempre tensionada. Ensinar em um mundo em mudança acelerada – de valores, de tecnologia – coloca os profissionais da educação em uma infundável tensão. Tensão que eu diria muito positiva, porque provocativa e capaz de gerar o novo – novas soluções e até novas teorias.

Qual a diferença entre teoria e metodologia?

Tanto a teoria quanto a metodologia implicam conjunto de regras, sistematização. É preciso ter método em qualquer elaboração teórica e qualquer metodologia implica teoria. Mas o estatuto da teoria é explicativo, mesmo quando de caráter mais descritivo, enquanto o da metodologia é procedimental. Podemos dizer que a teoria é a busca de saber, de conhecimento, enquanto a metodologia se refere a como se dá essa busca. Um método implica uma ação controlada, intencional com relação a um fim. Acho que

no campo da pesquisa e da atuação em educação, muitas vezes, acontece uma redução da teoria à metodologia, por falta de conhecimento, de leituras e discussões.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky publicaram suas pesquisas na década de 80. O que mudou de lá pra cá? Ainda podemos falar em construtivismo?

Indicar a possibilidade de um descarte das teorias me incomoda. As pesquisas de Ferreiro e Teberosky foram importantes e ainda são porque mostram aspectos do processo de ensino e aprendizagem, do processo de construção do conhecimento da forma escrita de linguagem, sobretudo das línguas latinas. A noção de construção do conhecimento começou a circular no século XIX, depois de (Georg) Hegel, (Charles) Darwin e (Karl) Marx. Dewey, por exemplo, usava muito o termo reconstrução. O termo construtivismo foi emprestado por (Jean) Piaget, que cunhou um significado específico, relacionado à sua teoria, para tentar dar conta de uma alternativa teórica que não se reduzisse nem ao empirismo, nem ao racionalismo. No Brasil, temos um modo, de certa forma muito peculiar, de tratar a produção de conhecimento e as teorias, sobretudo no campo da educação.

Que modo ‘peculiar’ é este?

No afã de solucionar problemas imediatos, começamos a interpretar as ‘novas’ teorias como salvadoras, como ins-

trumentos mágicos e, sem conhecê-las, vamos ‘aplicando-as’. Isso aconteceu com os testes piagetianos, com os níveis de conhecimento da linguagem escrita de Ferreiro e Teberosky, e está acontecendo, por exemplo, com o conceito de zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky. Ou seja, transforma-se um procedimento de investigação, uma categorização de pesquisa ou constructo teórico em metodologia de ensino. O problema é quando a teoria e os resultados de pesquisa viram método de ensino e, ainda por cima, são tomados como verdade única, como redentores. Ao invés de servirem de instrumental ao professor para a compreensão dos processos de aprendizagem e disparadores de novos questionamentos no processo de construção de conhecimento, viram ‘camisa de força’ para classificar as crianças que, na sua diversidade e nas suas singularidades, não se encaixam simplesmente nas teorias. Aí, o ensino começa a fracassar, e surge uma espécie de ‘revolta’ contra as teorias, a partir de leituras e críticas malfeitas e superficiais.

Qual a influência da teoria de Vygotsky no sistema de ensino brasileiro e como ela aparece na prática?

Vygotsky tem sido bastante divulgado ultimamente. O risco é que sua teoria, como a de Piaget, esteja também sendo reduzida e banalizada, sem ter sido necessariamente lida, discutida e estudada. Uma das repercussões importantes da teoria de Vygotsky é a (re)valorização do papel do professor na relação de ensino, que havia sido bastante deslocado com a implementação da teoria piagetiana, devido à ênfase excessiva na autonomia do aluno como sujeito construtor de seu próprio conhecimento. A perspectiva vygotskyana privilegia a relação de ensino, a experiência cultural historicamente construída, e considera a escola como instituição social contingente e que afeta o desenvolvimento cultural da criança. Uma outra repercussão significativa é como a teoria dele sustenta o modo de considerar e trabalhar na diversidade. Podemos falar também numa relevante contribuição com relação à educação especial, ao modo como ele concebe, interpreta e avalia a questão da patologia.

O que há de novo em termos de teorias ligadas à educação?

Tenho visto que a ênfase ou a supervalorização de uma perspectiva cognitivista, que foi pri-

vilegiada e muito característica na educação formal do século XX, está dando lugar a outros questionamentos. Os teóricos estão buscando (re)colocar e enfrentar dimensões da vida como a emoção, o afeto e a imaginação. Estão procurando investir na pesquisa com relação a diversos modos de conhecer. Conceitos como os de cultura, história, diversidade, diferença, racionalidade entram em pauta fortemente são retomados, (re)significados de acordo com as novas condições de vida e de produção. O acelerado desenvolvimento tecnológico impacta os modos de conhecer das crianças e também os modos de ensinar. Os educadores também têm que aprender a lidar com as novas tecnologias e apropriar-se dos novos conhecimentos enquanto ensinam. Essas exigências vão provocando mudanças nas condições e nas relações de ensino.

Como se dão essas mudanças?

Questões relacionadas ao currículo, por exemplo, tornam-se extremamente difíceis. Da mesma forma as questões relacionadas à avaliação e às dimensões não apenas cognitivas, mas éticas e estéticas do conhecimento, da vida. Essas não são questões novas. Mas os modos como elas são formuladas e enfrentadas teoricamente estão relacionadas às condições concretas de vida. ■

Um mais um é igual a dois, certo? Na Matemática não há dúvida. Mas há uma área do conhecimento humano onde um, e apenas um, pode ser igual a dois ou mais. Trata-se da área da Biotecnologia, na qual foi desenvolvida a técnica da clonagem. A técnica, relativamente simples do ponto de vista prático, tem provocado inúmeros debates. O alvo das discussões, a clonagem humana.

Desde a clonagem do primeiro ser vivo, a ovelha Dolly, em 1997, a sociedade tem acompanhado assustada a evolução das pesquisas no setor e se perguntado quais seriam as conseqüências da clonagem humana. Conselhos de ética em várias partes do planeta discutem a necessidade de se criar uma legislação internacional sobre o tema. Recentemente, a notícia de que uma mulher estaria grávida do primeiro clone pôs mais lenha na fogueira deste debate. O médico italiano Severino Antinori, responsável pelo feito, foi duramente

criticado por especialistas em Bioética, que o acusaram de ter violado os princípios da ética médica. "Ele não tinha procuração da humanidade para fazer isso", disse, na ocasião, ao jornal O Globo, Volnei Garrafa, presidente da Sociedade Brasileira de Bioética, levantando a questão da dificuldade da sociedade em discutir o tema.

Dificuldade que tem uma razão, segundo Marcos Palatnik, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e especialista em Bioética. De acordo com o professor os pesquisadores não têm discutido suficientemente o assunto com a sociedade.

"Enquanto esse diálogo não for aberto, a população não poderá, sequer, começar a pensar sobre o tema", acredita.

As principais dúvidas em relação à clonagem

O que é clone?

Indivíduo geneticamente idêntico a outro produzido por manipulação genética.

O que é clonagem?

Produção de células ou indivíduos geneticamente idênticos.

É possível clonar um ser humano?

Muitos cientistas encaram com ceticismo a idéia. "O ser humano é uma espécie que tem muito pouca fertilidade. Produz poucos ovos e na fertilização a perda chega a 30%. Seria necessário uma quantidade imensa de ovos para conseguir realizar o procedimento e isso envolve questões éticas complicadas", explica Eliana Abdelhay, chefe do Laboratório de Biologia Molecular do Instituto de Biofísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Que problemas o indivíduo clonado pode desenvolver?

Envelhecimento precoce, doenças da velhice e má-formação dos órgãos.

Por que os clones desenvolvem esses problemas?

As células usadas para se realizar a clonagem não são "0 km" como as recebidas na fecundação natural. São células com idade, envelhecidas. Além disso, quando se manipula a célula para realizar a clonagem pode haver alguma interferência do meio no procedimento, o que compromete o resultado.

Qual a posição da Bioética em relação à clonagem humana?

A Bioética, definida como o estudo dos problemas e implicações morais despertados pelas pesquisas científicas em Biologia e Medicina, condena a clonagem humana.

Quando um pode ser igual a dois, três, quatro

Argumentos

Contra a clonagem

Anomalias - não se sabe ainda que tipos de anomalias os clones humanos podem vir a desenvolver.

Relações humanas - há um temor instintivo da sociedade de como ficariam as relações humanas com a chegada de um clone.

Religião - a religião proclama que a personalidade moral do ser humano já existe no instante da fecundação do óvulo pelo espermatozoide. É difícil para os religiosos aceitarem, por isso o uso de embriões e fetos com fins de investigação científica.

A favor da clonagem

Medicina regenerativa - por serem capazes de gerar células e tecidos para transplantes, as células-tronco podem ser usadas no tratamento de queimaduras e doenças como mal de Parkinson e lesões na medula óssea. Embora esta possibilidade pareça animadora, há um forte debate mobilizando a comunidade científica: a clonagem de embriões para a obtenção de células-tronco. A idéia, segundo o professor Palatnik, está sendo encarada como uma simples fábrica desumanizada de algo que é sagrado para a sociedade e para a maioria das religiões. ■



Depois de estabelecidos os princípios Éticos, Políticos e Estéticos que nortearão a ação escolar, de modo que os alunos e “suas famílias sejam incluídos em uma vida de cidadania plena”, e de atender à segunda Diretriz Curricular Nacional, que exige o respeito e o reconhecimento da identidade de cada unidade escolar, dos alunos, suas famílias, professores e outros profissionais, é hora de dar mais um passo importante. Garantir que as propostas pedagógicas das escolas, de Educação Infantil a 8ª série, “atendam, integralmente, à criança e ao jovem em todos os seus aspectos”. A terceira Diretriz indica que nenhuma ação pedagógica pode prescindir de um entendimento técnico e teórico, aliado às práticas, e muito bem sustentado. Por isso, instituições de Educação Infantil deverão ter clareza das diferentes dimensões das personalidades das crianças. Também devem ter clareza sobre os elementos fundamentais para que aprendam e se desenvolvam em ambientes que favoreçam ações de cuidar e de educar. As escolas de Educação Fundamental, por sua vez, devem garantir a execução de sua proposta pedagógica, respeitadas as condições essenciais de aprendizagens dos diferentes sujeitos deste processo.

Os diferentes caminhos para o conhecimento



Atividades de integração em diferentes espaços revelam a participação dos alunos na vida escolar

Para fazer suas apostas, de cada educador para com seu grupo de alunos, de cada escola para com sua comunidade escolar e de todos os envolvidos para com as causas mais amplas do mundo em que vivem, cada educador deve saber como crianças e jovens pensam, sentem, se desenvolvem e aprendem, como constituem conceitos e conhecimentos sobre si, sobre seus parceiros e sobre o mundo. Será que, para tão gran-

pode ser cumprida, desde que cada escola se organize como um todo integrado, que respeita a diversidade de suas partes, mas que tem determinadas apostas comuns.

A escola de excelência não é aquela onde tudo o que acontece se pode prever, onde todos os alunos têm os mesmos desejos, necessidades e sonhos nem, tampouco, aquela em que todos os professores gostam das mesmas coisas. A escola de excelência é

de desafio, existe uma teoria única que, por si só, dê conta de responder a todas as perguntas que emergem no cotidiano escolar? Uma única teoria poderia ter a pretensão de explicar as formas próprias de cada pessoa, nas variadas dimensões de sua personalidade e a riqueza de relações que estabelece, de várias ordens, com o meio físico e social?

Como se pode praticar a articulação necessária entre certos aspectos da vida cidadã, saúde, sexualidade, vida familiar e social, meio ambiente, trabalho, ciência e tecnologia, cultura, linguagens - com conceitos e conteúdos específicos de diferentes áreas de conhecimento, sem o apoio de estudiosos, teóricos e teorias como um suporte seguro?

Esta organização curricular, que cria espaços de confluência da vida com a escola, é uma exigência que

aquela que reconhece a riqueza do encontro das diferenças de valores, de histórias de vida, de desejos etc., que a caracterizam como um campo de tensão permanente, ricos espaços simultâneos de conflito que devem gerar aprendizagem solidária, criatividade e respeito, autocrítica e prestígio.

Desafio - Educar nesse espaço é administrar as dissidências, orquestrar as diferenças para convergir as experiências de vida de cada um, os conceitos espontâneos construídos fora da escola em saberes escolares de natureza conceitual. Acompanhar a transformação de uma turma, um conjunto de alunos, em um grupo operativo, solidário e ético é um grande desafio que exige vários conhecimentos articulados. Para que o professor e os alunos acreditem

no sucesso, na possibilidade permanente de aprender coisas novas, de desobstruir bloqueios, de recuar e de avançar, quando oportuno, alguns autores precisarão ser conhecidos. Para que a brincadeira possa passar de ano, sair das turmas de Educação Infantil e frequentar classes de Educação Fundamental é necessário entender a sua importância na constituição dos sujeitos, o papel da fantasia e da imaginação como potencializadoras do ato criativo, produtivo. Brincar, fantasiar e imaginar não são atos menores que devem “dar seu lugar” a outros saberes e sobre isto Donald Winnicott, Sigmund Freud, Jean Piaget e Lev Vygotsky, apenas para citar alguns, têm muito o que ensinar. Conhecer a obra e a história de vida de artistas plásticos, ter o hábito de ler bons livros de suspense, de aventura ou ver um pouco de televisão são comportamentos igualmente formadores de conhecimentos, alimentadores de sonhos e argamassa importante para esta trama de aprendizagens sem fim.

Referências - Uma compreensão ampla da importância do outro para a aprendizagem, aquela que possibilita o encontro “das diferenças”, tem na obra de (Henry) Wallon sustento precioso que se soma às informações de Vygotsky e de Paulo Freire sobre a importância do diálogo, da linguagem e das relações para os processos de desenvolvimento e de aprendizagem. Sobre uma possível teoria da escrita valem os estudos de Vygotsky, mais uma vez, de Luria, de Leontiev, de Emilia Ferreiro e de Paulo Freire, entre outros.

Na verdade, a proposta não é a de um somatório quantitativo de leituras, estudos e de nobres

Ferramenta do professor, trabalho do aluno

Coloridos, em preto e branco, grandes, pequenos, com palavras, letras, desenhos, recados. Os murais dizem muito do trabalho desenvolvido na escola. Ao olhar para estes quadros, em diferentes salas de aula, é possível distinguir, por exemplo, os pressupostos teóricos que orientam a prática deste ou daquele professor.

Mais uma ferramenta entre tantas outras usadas pelo profissional de ensino, os murais têm função importante na rotina da sala de aula: a de expor os textos, os desenhos e os diferentes trabalhos dos alunos e dar significado a essa produção. Dessa forma, além de contribuir para criação de ambientes de leitura e escrita, contextualizam as aprendizagens e, sobretudo, informam sobre o que se passa dentro da escola.

Confeccioná-los é uma atividade divertida e que estimula a criatividade. Portanto, por mais que seja um instrumento de trabalho docente, os murais devem ser mesmo trabalho de aluno!

informações. A sabedoria, ao que parece, transita pelos espaços abertos pela autocrítica e por uma dose equilibrada de humildade. Tudo indica que seja nobre deixar uma ou várias portas abertas para conhecer, para acolher e deixar entrar novas idéias, novos saberes. Assim, cada um se torna capaz de recortar e de tecer, a seu modo, esta rede interminável de combinações que tornam alunos e professores cidadãos curiosos em processo permanente de aprendizagem e, portanto, de mudança. ■

Artigo/Frei Beto*

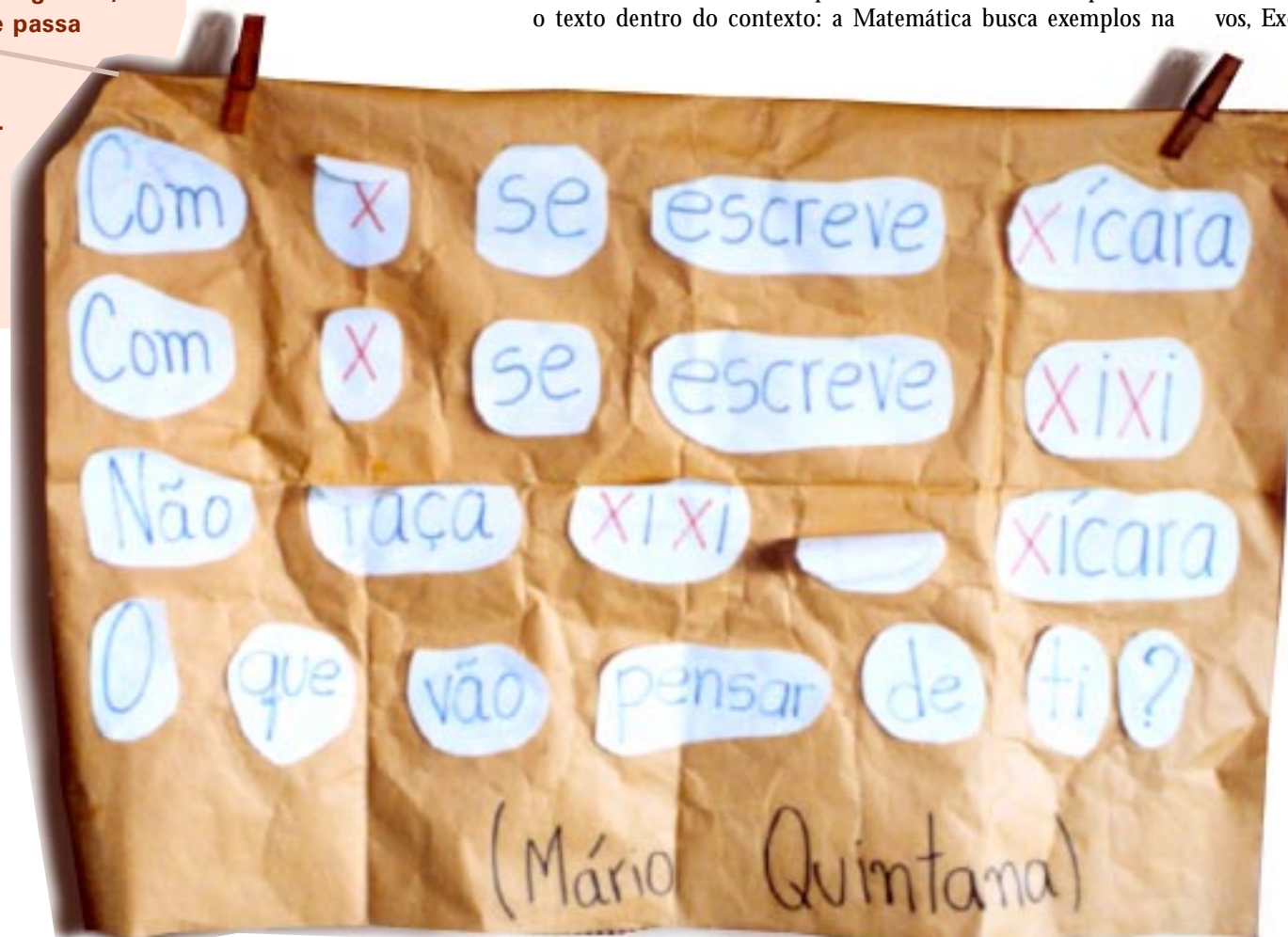
A escola dos meus sonhos

Escritor propõe integração entre instituição de ensino, vida e sociedade

Na escola dos meus sonhos, os alunos aprendem a cozinhar, costurar, consertar eletrodomésticos, a fazer pequenos reparos de eletricidade e de instalações hidráulicas, a conhecer mecânica de geladeira e algo de construção civil. Trabalham horta, marcenaria e oficinas de escultura, desenho, pintura e música. Cantam no coro e tocam na orquestra. Uma semana ao ano integram-se, na cidade, ao trabalho de lixeiros, enfermeiras, carteiros, guardas de trânsito, policiais, repórteres, feirantes e cozinheiros profissionais. Assim aprendem como a cidade se articula por baixo, mergulhando em suas conexões que, à superfície, nos asseguram limpeza urbana, socorro de saúde, segurança, informação e alimentação.

Não há temas tabus. Todas as situações-limite da vida são tratadas com abertura e profundidade: dor, perda, falência, parto, morte, enfermidade, sexualidade e espiritualidade. Ali os alunos aprendem o texto dentro do contexto: a Matemática busca exemplos na

corrupção dos precatórios e nos leilões das privatizações; o Português, na fala dos apresentadores de TV e nos jornais; a Geografia, nos suplementos de turismo e nos conflitos internacionais; a Física, nas corridas de Fórmula-1 e nas pesquisas do Supertelelescópio Hubble; a Química, na qualidade dos cosméticos e na culinária; a História, na violência de policiais contra cidadãos, para mostrar os antecedentes na relação colonizadores-índios, senhores-escravos, Exército-Canudos etc. ►



Poema de Mário Quintana enriquece o aprendizado da leitura e da escrita



Na escola dos meus sonhos a interdisciplinaridade permite que os professores de Biologia e de Educação Física se complementem; a multidisciplinaridade faz com que a História do Livro seja estudada a partir da análise de textos bíblicos; a transdisciplinaridade introduz aulas de meditação e dança e associa a história da arte à história das ideologias e das expressões litúrgicas. Se a escola for laica, o ensino religioso é plural: o rabino fala do judaísmo; o pai-de-santo, do candomblé; o padre, do catolicismo; o médium, do espiritismo; o pastor, do protestantismo; o guru, do budismo etc. Se for católica, há periódicos retiros espirituais e adequação do currículo ao calendário litúrgico da Igreja. Na escola dos meus sonhos, os professores são obrigados a fazer periódicos treinamentos e cursos de capacitação e só são admitidos se, além da competência, comungam os princípios fundamentais da proposta pedagógica e didática. Porque é uma escola com ideologia, visão de mundo e perfil definido do que sejam democracia e cidadania. Essa escola não forma consumidores, mas cidadãos.

Ela não briga com a TV, mas leva-a para a sala de aula: são exibidos vídeos de anúncios e programas e, em seguida, analisados criticamente. A publicidade do iogurte é debatida; o produto adquirido; sua química, analisada e comparada com a fórmula declarada pelo fabricante; as incompatibilidades denunciadas, bem como os fatores porventura nocivos à saúde. Programa de auditório de domingo é destrinchado: a proposta de vida subjacente, a visão de felicidade, a relação animador-platêia, os tabus e preconceitos reforçados etc. Em suma, não se fecham os olhos à realidade, muda-se a ótica de encará-la. Há uma integração entre escola, família e sociedade. A Política, com P maiúsculo, é disciplina obrigatória. As eleições para o grêmio ou diretório estudantil são levadas a sério e, um mês por ano, setores não vitais da instituição são administrados pelos próprios alunos. Os políticos e candidatos são convidados para debates e seus discursos analisados e comparados às suas práticas.

Não há provas baseadas no prodígio da memória nem na sorte da múltipla escolha. Como fazia meu velho mestre, Geraldo França de Lima, professor de História (hoje romancista e membro da Aca-

A troca de experiência entre alunos de idades diferentes favorece o aprendizado

demia Brasileira de Letras), no dia da prova sobre a Independência do Brasil os alunos traziam para a classe a bibliografia pertinente e, dadas as questões, consultavam os textos, aprendendo a pesquisar. Não há coincidência entre o calendário gregoriano e o curricular. João pode cursar a 5ª série em seis meses ou em seis anos, dependendo de sua disponibilidade, aptidão e seus recursos. É mais importante educar do que instruir; formar pessoas que profissionais; ensinar a mudar o mundo que ascender à elite. Dentro de uma concepção holística, ali a ecologia vai do meio ambiente aos cuidados com nossa unidade corpo-espírito e o enfoque curricular estabelece conexões com o noticiário da mídia.

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, dever obrigatório. ■

* Escritor e autor do livro "Cartas da Prisão" *O Estado de São Paulo*, 14/05/97.

Passar matéria? Passar dever? Passear e aprender

Imagine uma turma de primeira série do Ensino Fundamental, com cerca de 25 alunos entre 10 e 12 anos. Todos com defasagem idade/série, uma ou mais experiências de insucesso escolar com repetência e, em alguns casos, com reconhecida baixa auto-estima. Em janeiro de 1992, MÁRCIA REGINA BRANDÃO foi indicada pela direção da Escola Municipal Iva Gomes Ribeiro, em Inhoaíba, Zona Oeste, para ser a professora dessa turma. Despertar o interesse de crianças e jovens que não viam sentido em estudar se tornou seu desafio. Na busca por respostas para sua inquietação, ela descobriu que criatividade, apenas, não bastaria para estimular seus novos alunos. Era preciso, na verdade, uma mudança de postura diante da turma.

Em 1992, Márcia dava aulas para turmas de alfabetização. Ela usava, entre outros recursos, uma cartilha que poderia ser chamada de 'vovô viu a uva'. Frases sem sentido do tipo *O boi baba, Fábio afia a faca e O dedo de Edu dói* recheavam a publicação, que tinha valor de manual e era fornecida, na época, pelo governo federal. "Eu me sentia presa a uma metodologia que tornava minha tarefa mecânica", diz ela.

O que fazer com a tal cartilha diante de uma turma desinteressada e, por consequência, por muitas vezes indisciplinada, certamente era uma das muitas perguntas que a professora se fez na época. Como tornar a sua aula interessante para estudantes que diziam "detestar estudar"? Como despertar nesses alunos a certeza de que podiam aprender? Estas eram as maiores inquietações desta professora. ►



“Eles eram cheios de idéias, mas não queriam estudar. O interesse deles estava na rua e não na escola que, na cabeça deles, só reprovava”.

Entre os casos mais complicados, um aluno de 10 anos que conhecia os números, tinha noção da relação quantidade/numerais, mas não era capaz de formular uma operação. Outras histórias intrigavam Márcia. Havia crianças que liam, mas não escreviam. Outras faziam conta de cabeça, mas não ‘no papel’. “Eu via esses casos e queria entender por que eles, que eram tão cheios de idéias, não conseguiam aprender”.

Em busca das respostas para suas perguntas, a professora releu alguns livros dos grandes pensadores da educação. Jean Piaget e suas idéias sobre as etapas do desenvolvimento da criança, e Lev Vygotsky com o conceito do par mais capaz, chamaram a atenção da professora. “Cada aluno tinha um interesse diferente e estava em estágios diferentes de desenvolvimento. Lendo Piaget e Vygotsky entendi a importância de eu exigir coisas diferentes de cada aluno e que deveria respeitar o ritmo de aprendizagem deles”. Embora essas idéias tenham ajudado a professora a mudar sua prática, Márcia acredita que nenhuma teoria dê ao educador uma receita pronta: “elas nos mostram caminhos, indicam planos”.

A experiência de Márcia mostrou ainda que teoria e prática têm que se encontrar para que cada uma dê significado a outra. E que as experiências dos professores, associadas aos conhecimentos de variadas teorias, precisam ser ressignificadas, em sala de aula, para se entender melhor os sucessos e fracassos do grupo e de cada um que o compõe.

Na prática - No primeiro mês de aula, o espaço demarcado da sala de aula foi ampliado, pela professora e pelos alunos, para outros espaços. Márcia ‘abusou’ da técnica de aulas-passeio, criada pelo educador francês Célestin Freinet, com o apoio das famílias e da direção. “Eles queriam a rua, então fomos para rua. Nas primeiras duas semanas, eles adoraram, só queriam brincar. Depois eles começaram a ficar incomodados e me perguntavam se eu não iria passar dever ou passar matéria no quadro-negro. Mesmo assim, continuamos. Só que desta vez, os estudantes faziam um desenho e a descrição do local. Foi assim que comecei a trabalhar as palavras escritas”, relembra Márcia.

Um mês depois, os alunos voltaram para a sala de aula e a professora começou a incentivá-los. “Eu escrevia as frases da cartilha no quadro e pedia que eles criassem histórias a partir delas”.

Para Márcia Regina, professor deve conhecer várias teorias

Cada aluno tem seu tempo!

“Com 15 anos de magistério, fui descobrindo na prática a importância de conhecer as idéias dos grandes pensadores da educação. Vygotsky, por exemplo, me ajudou a mudar a visão que eu tinha dos alunos com a idéia de que cada aluno tem seu tempo. Os escritos do pensador russo me fizeram refletir sobre a individualidade de cada um. Hoje interajo com a turma e reconheço que o papel do professor não é apenas de jogar a matéria no quadro-negro.”

Sonia Ferreira, E. M. Iva Gomes Ribeiro

Aquele método me dava segurança e poder

“Lembro de uma turma formada por crianças de baixa renda, que moravam em uma favela. Elas viviam falando do que acontecia por lá. Achei então que a vida dos meus alunos deveria ser o ponto de partida para alfabetizá-los. Não foi uma tarefa das mais fáceis. Tive que deixar de lado o uso da cartilha, um método que me dava a sensação de segurança e poder e me fazia sentir dona do saber. Só que ninguém sabe tudo. Paulo Freire me ensinou isso. Olho para trás, hoje, e vejo quantas crianças ensinei com *vovô viu a uva*. Todas aprenderam a ler e escrever, mas não aprenderam a ler e interpretar o mundo.”

Myrthes Lopes Bandeira, Ciep Patrice Lumumba

Seus alunos costumavam trabalhar em grupos e, muitas vezes, em duplas. Os que sabiam mais sobre um assunto ajudavam outros colegas. O trabalho coletivo, defendido por Freinet, e a valorização das relações intrapsíquicas e interpessoais, defendidas por Vygotsky, se entrelaçavam na sala de aula. Todas as soluções eram valorizadas e discutidas. De uma só vez, Márcia incentivava a criança que se dispunha a falar o que sabia, estimulava os outros a entenderem, questionarem e criava o sentimento de solidariedade e o ambiente estimulador para a constituição de conhecimentos, conceitos e valores. A dedicação de Márcia teve resultados. Dos 25 alunos, 24 foram aprovados com sucesso escolar e todos concluíram o primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Hoje, como coordenadora pedagógica da escola, Márcia defende que todo professor deva conhecer as teorias para escolher onde e qual lhe atende melhor. “Não se trata de uma salada pedagógica. A partir do momento em que o professor começa a estudar ele percebe que uma única teoria é insuficiente para construir um projeto político-pedagógico que dê conta de toda a diversidade que existe na sala de aula”. ■

PELA WEB

www.celeirodeprojetos.com.br

Acreditando que o trabalho com projetos é uma experiência rica e proveitosa para alunos e professores, o Celeiro de Projetos reserva espaço para apresentar, compartilhar e discutir projetos dos mais variados temas e segmentos. O site é produzido pelas equipes do EduKbr.

www.multiorio.rj.gov.br/cime

A íntegra do livro MultiEducação está disponível neste site, produzido pela MULTIRIO.

TV-VÍDEOS

Uma escola do tamanho do mundo - As teorias e as práticas pedagógicas

O programa discute as contribuições de Lev Vygotsky, Jean Piaget e Célestin Freinet para a prática pedagógica. (30 min)

Educação e Trabalho - Teoria e prática na rotina docente

Em entrevista a Eliane Bardanachvili, Clarice Nunes, professora das universidades Federal Fluminense e Estácio de Sá, analisa a relação entre teoria e prática na sala de aula. “Devemos ser co-criadores das teorias, para podermos lançar as nossas perguntas e encontrar nossas respostas”, diz. (30 min)

Programas produzidos pela MULTIRIO/SME. Rio de Janeiro, 2001.

Mais informações: www.multiorio.rj.gov.br, ouvidoriamulti@pcrj.rj.gov.br ou 2528-8282

LIVROS

Para a garotada

Jardins

Roseana Murray - Editora Monati (2001)

O livro traz imagens e poesias sobre os mais lindos jardins.

Poeminhas pescados numa fala de João

Manoel de Barros - Editora Record (2001)

A ilustradora mineira Ana Raquel transforma versos em imagens, levando o trabalho do poeta ao público infantil. Pescados nos muitos livros de Manoel, esta obra emociona pela beleza das imagens e delicadeza da poesia.

Para você

Crônicas de Educação

Cecília Meireles - Editora Nova Fronteira (2001)

Organizado em três volumes, Crônicas de Educação apresenta a obra em prosa de Cecília Meireles destinada a temas da educação.

Para sua atualização

Trabalho com projetos de pesquisa (0): do Ensino

Jorge Santos Martins - Editora Papirus (2001)

Este livro traz uma proposta pedagógica baseada no princípio de que é fundamental mobilizar e envolver o aluno para que seu aprendizado seja significativo.

FILMES

Piaget, Vygotsky e Freinet - Nesse lugar chamado escola

Há cem anos, nasciam Piaget, Vygotsky e Freinet. Comemorando o centenário desses três pensadores que deixaram marcas profundas no pensamento pedagógico contemporâneo, a Escola de Professores realizou seminário, onde foram palestrantes os professores Leandro Konder (PUC/Rio e UFF), Lino Macedo (USP), Ana Luiza Smolka (Unicamp) e Ruth Joffily (Unimep - SMEP/SP) e que resultou neste documentário. UERJ Vídeo. (40 min). Informações: 2587-7157.

AGENDA

ENCONTRO

XI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, promovido com o apoio de universidades e agências financiadoras de pesquisa, terá como tema geral *Igualdade e diversidade na educação*. O encontro será realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, em Goiás, de 26 a 29 de maio. Informações por e-mail: secretaria@endipe.com.br

PRÊMIO

O Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert) premiará experiências, desenvolvidas entre 1999 e 2000, de promoção de igualdade racial/étnica no ambiente escolar. Inscrições até 31 de maio. Informações pelo telefone (11) 3801-1949 ou pelo site www.ceert.org.br

Informação, diversão e arte são os ingredientes das produções da MULTIRIO em 2002. Entre os destaques, a reformulação do Portal, novas seções na revista Nós da Escola e uma programação de TV com documentários, animações e séries para jovens. Para facilitar a gravação dos programas e a formação de videotecas, a grade de programação (www.multirio.rj.gov.br) foi organizada em duas faixas diárias: uma com programas de interesse do público em geral e outra com programação voltada para professores e alunos (criança, adolescente e jovem). Abaixo, as novidades:

Produções variadas em sintonia com a escola

Portal - Um novo *layout* deixa a navegação do portal (www.multirio.rj.gov.br) mais fácil e atraente. Entre as novidades, o site Nós da Escola, dedicado ao professor. Lá, pode-se acessar o espaço *Multidéias*, para a divulgação de projetos escolares. Na *homepage*, a seção *Centro de Estudos*, sites com rico material pedagógico e informativo.

Revista Nós da Escola - A partir do nº 5, a revista Nós da Escola terá tiragem de 40 mil exemplares, 32 páginas e novas seções. Além de reportagens, entrevistas, artigos e dicas variadas, a publicação trará a opinião da sociedade sobre temas da Educação, histórias em quadrinhos sobre experiências de professores, destaques das produções da MULTIRIO e seu aproveitamento pedagógico, matérias com enfoque funcional, além de um espaço dedicado a professores de Educação de Jovens e Adultos.

TV

Ecce Homo - Série produzida no Canadá, que propõe uma discussão sobre as comunidades humanas e suas criações ao longo da história. Arte, a criação do Estado, o sagrado e o profa-

no são alguns dos temas tratados. NET, segunda-feira - 10h30, quinta-feira - 9h30 e domingo - 8h30. **BandRio**, domingo - às 10h. (26 min)

Os Segredos de Kineret - A produção israelense narra a história de Kineret que, aos 12 anos, recusa-se a falar depois de ter sofrido um acidente de automóvel com seu pai. Após descobrir que seu pai está vivo, ela sai à sua procura. Prêmio de melhor série no Festival Golden Gate, em São Francisco, e Melhor Programa, conferido pelo júri de crianças do Prix Jeunesse, em Munique. NET, quinta-feira - 8h e domingo - 10h30. **BandRio**, sexta-feira - 14h. (26 min)

Matilda - Produção da República Tcheca dirigida a crianças. Os episódios contam a história de Matilda, uma pata que se intromete na vida de todos tentando corrigir o que acha errado na natureza. Suas idéias, quando testadas, não são lá das melhores e Matilda, arrependida, reconhece seus erros. A série também trata de aspectos do mundo animal. NET, terça-feira e sábado - 10h. (7 min)

Cara de Criança - É o segmento da programação dedicado ao público infantil. Além de exibir documentários e animações, a faixa conta com a presença do artista e educador Zé Zuca, que propõem jogos e brincadeiras. NET, terça-feira e sábado - 8h às 11h. **BandRio**, de segunda a sexta-feira - 7h30. (24 min)

Abrindo o verbo - Na faixa dos adolescentes, semanalmente um grupo de estudantes debatem, no estúdio, questões de interesse da juventude. (Ainda sem data de estreia)

Nós da Escola - O programa tem novo formato e novos quadros. Entre eles o *Multidéias* - apresentado pelo ator Licurgo Aspínola - que promoverá o intercâmbio de projetos escolares. No quadro *É possível Isso?*,

experiências de uso de mídia na escola. E no quadro *Ná*, soluções para problemas do cotidiano escolar, apresentadas na forma de reportagens. NET, segunda e quarta-feira - 10h, sexta-feira - 8h e domingo - 8h. **BandRio**, quarta-feira - 14h e quinta-feira - 7h. (26 min)

Rio, a Cidade! - Trata de assuntos de interesse do cidadão carioca com uma pauta variada e interativa. Kátia Chalita apresenta e modera os debates. A novidade fica por conta de uma agenda de eventos e serviços em geral. NET, de segunda a sexta-feira - 7h30 e 11h. **BandRio**, de segunda a sexta-feira - 14h30. (26 min)

Crônicas da Minha Escola - A série francesa mostra como vivem e estudam crianças de diferentes países. Entre as novidades, a reformulação visual do programa e a atriz Beatrice Russo, apresentadora dos novos episódios (França, Cuba, Austrália, Escócia, Trinidad, Estados Unidos, Holanda, Grécia, Peru e Amazônia). NET, segunda e quarta-feira - 9h e sexta-feira - 10h30. **BandRio**, terça-feira - 14h. (20 min) ■

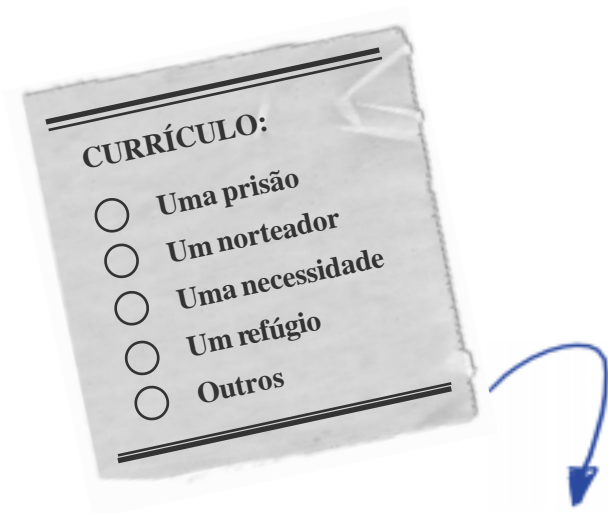
DENGUE.

ENTRE NESSA GUERRA.



Visita de agentes de saúde e denúncias, ligue 24 horas: **2566-1531**

 **Prefeitura da Cidade RIO**
Secretaria de Saúde



...na próxima revista
NÓS DA ESCOLA

Agora com 32 páginas e novas seções!

